

Série Pensamento Negro Descolonial

A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

Miriam Cristiane Alves
Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de Jesus

ORGANIZADORES



Míriam Cristiane Alves
Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de Jesus
ORGANIZADORES

Série Pensamento Negro Descolonial

A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

Volume 2

1ª Edição
Porto Alegre
2020

editora

redeunida



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br

editora

redeunida

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins.**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. **Alcindo Antônio Ferla** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ángel Martínez-Hernández** – Universitat Rovira i Virgili, Espanha. **Angelo Stefanini** – Università di Bologna, Itália. **Ardigó Martino** – Università di Bologna, Itália. **Berta Paz Lorido** – Universitat de les Illes Balears, Espanha. **Celia Beatriz Iriart** – University of New Mexico, Estados Unidos da América. **Denise Bueno** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. **Emerson Elias Merhy** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. **Erica Rosalba Mallmann Duarte** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. **Francisca Valda Silva de Oliveira** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. **Izabella Barison Matos** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil. **Héider Aurélio Pinto** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil. **João Henrique Lara do Amaral** – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. **Júlio César Schweickardt** – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil. **Laura Camargo Macruz Feuerwerker** – Universidade de São Paulo, Brasil. **Laura Serrant-Green** – University of Wolverhampton, Inglaterra. **Leonardo Federico** – Universidad Nacional de Lanús, Argentina. **Lisiane Böer Possa** – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. **Liliana Santos** – Universidade Federal da Bahia, Brasil. **Luciano Bezerra Gomes** – Universidade Federal da Paraíba, Brasil. **Mara Lisiane dos Santos** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. **Márcia Regina Cardoso Torres** – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil. **Marco Akerman** – Universidade de São Paulo, Brasil. **Maria Luiza Jaeger** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil. **Maria Rocineide Ferreira da Silva** – Universidade Estadual do Ceará, Brasil. **Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** – Universidade Federal do Pará, Brasil. **Ricardo Burg Ceccim** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. **Rodrigo Tobias de Sousa Lima** – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil. **Rossana Staeve Baduy** – Universidade Estadual de Londrina, Brasil. **Simone Edi Chaves** – Ideia e Método, Brasil. **Sueli Terezinha Goi Barrios** – Ministério da Saúde, Brasil. **Túlio Batista Franco** – Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Vanderléia Laodete Pulga** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil. **Vera Lucia Kodjaoglanian** – Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil. **Vera Maria da Rocha** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil.

A **Série Pensamento Negro Descolonial** apresenta produções autorais com narrativas de intelectuais, em sua maioria de pesquisadoras/es negra/os, tendo como centralidade a insurgência de epistemologia e metodologias negras no campo das ciências humanas e da saúde. Busca reunir diferentes perspectivas teóricas e políticas em torno de um eixo, o antirracismo, cujos deslocamentos, desdobramentos e agenciamentos epistêmicos têm o intuito de estimular reflexões sobre nossos usos e interpretações de matrizes do pensamento negro, assim como sobre a necessidade de formação de novas redes intelectuais na produção do conhecimento. Assinalamos o caráter político de tal escolha (o antirracismo como nossa constante), assim como uma premissa a congregar, em distintos níveis, o conjunto de textos da Série Pensamento Negro Descolonial: o lugar de epistemologias e metodologias negras em nossas produções e difusões de conhecimento.

Coordenação da Série

Miriam Cristiane Alves

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista

Márcia Regina Cardoso Torres

Arte Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustrações

Bolivar Marini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

A474m Alves, Miriam Cristiane (org.)

A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas / Organizadores: Miriam Cristiane Alves e Olorode Ôgìyàn Káláfó Jayro Pereira de Jesus. – 1. ed. -- Porto Alegre : Rede Unida, 2020.

216 p. il.; (Série Pensamento Negro Descolonial, v.2).

E-book: 5.23 Mb; PDF

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-87180-32-8

DOI: 10.18310/9786587180328

1. Colonialismo. 2. Comportamento e Mecanismos Comportamentais. 3. Fatores Raciais. 4. Grupo com Ancestrais do Continente Africano. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 305.56:960.981

21-30180029

CDU 342.724(6)(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Grupos sociais e questões raciais; História da África; História do Brasil.
2. Minorias étnicas e Igualdade racial; Brasil; África

Catálogo elaborado pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



APRESENTAÇÃO³

Olorode Ògìyán Kálàfó Jayro Pereira de Jesus
Míriam Cristiane Alves

“[...] a diversidade do mundo é inesgotável [...] e essa diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. [...], a diversidade do mundo continua por construir” (SANTOS, 2010, p. 51).

Este segundo volume da Série Pensamento Negro Descolonial, “A Matriz Africana - Epistemologias e Metodologias Negras, Descolonial e Antirracistas”, está carregado de questões-vida que emergiram e emergem em nossa caminhada, enquanto afroativistas, intelectuais, pesquisador e pesquisadora na e da diáspora africana no Brasil. Com foco na Matriz Africana, esse volume se reveste de incomensurável importância, residindo na tarefa de concretizá-lo a explicitação de saberes dialógicos com os demais conhecimentos civilizacionais edificadores da sociedade brasileira. Para que vocês, leitora e leitor, nos acompanhem no ideário deste volume, explicitaremos alguns elementos de nossa caminhada, na perspectiva de compartilhar os motivos pelos quais focamos na Matriz Africana.

No contexto da Cosmo-Afroexistencialização e condição bioafroancestrática de ser-existir, inerente às/aos africanas/os e afrodescendentes dispersados pela “migração forçada” (SODRÉ, 2017, p. 90), tivemos a possibilidade de vivenciar um conjunto de experiências que nos subsidiaram na organização desse volume.

Uma experiência de grande relevo para mim, *Olorode Ògìyán Kálàfó* Jayro Pereira de Jesus, foi integrar um coletivo formado por mulheres e homens de correlata afroancestralidade, com os quais tive um proeminente afroativismo na década de 1980, através do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá (IPELCY). Naquela ocasião, realizamos uma ação inovadora e de impacto social junto às comunidades-terreiros, inicialmente da Baixada Fluminense,

³ Essa coletânea tem apoio do Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde (DAGEP/SGEP/MS), por meio do projeto RENAFRO Saúde e da interiorização da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN): programa de capacitação afrocentrada, do curso de Psicologia, da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); bem como, do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROAP-CAPES), por meio do convênio com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGSI-UFRGS).

Estado do Rio de Janeiro, mediante uma política verdadeiramente “contra colonial” (SANTOS, 2019, p. 19).

Na contralógica do “racismo colonial” (HENRIQUE, 2016, p.15), o IPELCY desencadeou, na Baixada Fluminense, todo um processo seminal de dialogia acerca da “colonização e contra colonização” (SANTOS, 2019, p. 19), encetando uma luta verdadeira contra “o racismo cultural religioso” (JESUS, 2003). Na ocasião, foram produzidas ações de mobilização e articulação dos espaços de realizações de cultos afros e seus vivenciadores/as, atuando também no campo jurídico de criminalização da intolerância religiosa, na perspectiva dos direitos humanos. Já naquele momento o empenho se voltava para o que entendíamos como afroepistemologia, reiterando-a, por compreender o modo como nós, povo de pertencimento afroancestrático, nos constituímos em agentes da exacerbação dos pressupostos conceituais afroepistemológicos civilizacionais da Matriz Africana em meio à sociedade abrangente. Já exacerbávamos apologeticamente um arsenal afroaxiológico que singulariza o projeto, sobretudo, junto aos meios de comunicação.

O projeto “Tradição dos Orixás” (GOMES; OLIVEIRA, 2019), como foi inicialmente denominado, expandiu-se por quase todo o país, encetando, por conseguinte, um movimento nacional contra o “racismo religioso” (DEUS, 2019), perpetrado desta feita pelas igrejas do campo neopentecostal, que volumosamente continuam crescendo e se expandindo Brasil afora, numa estratégia georeferencial de desestabilização de territórios afroancestráticos.

Importa denotar que o projeto acima referido se desencadeou em face da dinâmica de “resistência ativa, política e epistemológica” (SANTOS, 2010, p. 49), consubstanciado nos seus primórdios pelas e com as narrativas afroepistemológicas engendradoras de Lélia Gonzalez⁴, Beatriz do Nascimento⁵, Luiza Bairros⁶, Makota Valdina Pinto⁷, Jaime Sodré, Mestre Didi, da Autoridade Afroancestrática Ìyá Beatriz

⁴ Lembrança significativa de uma escuta conceitual de Lélia Gonzalez no Centro de Formação de Líderes, no bairro Mesquita, Nova Iguaçu, que na memória recordo das presenças de dois fotógrafos: Januário Garcia e Jorge Damião, aos quais estou solicitando, confirmação do fato.

⁵ Com a historiadora Beatriz Nascimento estivemos por algumas vezes juntos nas reuniões do Grupo de Trabalho André Rebouças, composto por estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF), na cidade de Niterói, RJ, entre tantos outros momentos singulares.

⁶ Uma das consultoras preferenciais do projeto “Tradição dos Orixás”. Nas minhas consecutivas viagens a Salvador, BA, sobretudo por conta da articulação junto a terreiros soteropolitanos e construção do IN-TECAB com Mestre Didi, Juana Elbein dos Santos e Jaime Sodré, os encontros eram agendados com Luiza Bairros, com a qual, por último como ministra da SEPPIR, estivemos muito juntos, relação que continua na sua dimensão ancestral, depois que voltou para casa como nos recobra Dirk Louw (2010, p.6).

⁷ Uma irmã bioafroancestrática, uma companheira desde sempre na luta ininterrupta contra a intolerância religiosa, enquanto presencialmente esteve entre nós afrodiáspóricos.

Moreira Consta⁸, professora Gésia de Oliveira⁹, Ìyá Vanda Ferreira¹⁰, Florinda de Souza Ferreira (Mãe Flor de *Oya-Iyasan*), Sueli Carneiro¹¹, José Flávio Pessoa de Barros, Tania Maria Salles Moreira, Carlos Nobre, *Bàbáláwo* Ivanir dos Santos, entre tantos, outras e outros, tendo alguns voltado à massa de origem. Assim como outras e outros que prosseguem por aqui na Terra, entre nós, cuja extensa lista torna-se improvável mencionar a cabo.

Dinamizado e dinamizada existencialmente por uma *anima* bioafroancestrálica, empreendemos uma jornada de maneira a edificar intersubjetivações desnorteadoras, encontrando com e corroborando efetivamente processos de descolonização epistêmica, contra o *apartheid* epistêmico (BALDI, 2004), contra o racismo epistêmico (BRUNO, 2019), desconstruindo o epistemicídio, lutando contra o eurocentrismo (CARVALHO, 1997) e incidindo para a descolonização do conhecimento (MIGLIEVICH-RIBEIRO; ROMERA, 2018) e das práticas.

Um dos principais desafios da perspectiva descolonial é o de pensar na dimensão civilizacional, não como retórica ou tergiversação. O determinante numa prática descolonial é a tarefa irrevogável de pensar fazer-sendo numa concretude afroaxiológica e/ou afrofilosófica, traduzindo-se numa comportamentalidade preta-existencial, nas dispersões transatlânticas.

Neste sentido, indubitavelmente, não podemos nos referir à Série Pensamento Negro Descolonial sem nos deter a um breve histórico da nossa dinâmica Bioafroancestrálica-Existencial, que igualmente encontra afro-sintonia-ancestrálica com a “escrivência” de Conceição Evaristo (2017). Afinal, a escrivência tem visceral imbricamento com todo

8 Proeminente Autoridade Ancestral, fundadora do Território Ancestrálico de Matriz Africana Ile Omi Oju Aro, potencial engendradora do projeto “Tradição dos Orixás”, na atualidade uma Ilustre Ancestral.

9 Uma proeminente colaboradora do projeto “Tradição dos Orixás”, cuja relação se deu a partir do curso de língua e cultura yoruba, ofertado pelo IPELCY, em 1987, na atual cidade de Mesquita, na Baixada Fluminense, RJ. Uma fiel escudeira, afroepistemologicamente falando, por de pronto perscrutar a complexidade filosófica existencial da Cosmo-Afroexistencialização. Uma ilustre ancestral.

10 Outra mulher preta de cabedal importância, de notória capacidade organizacional, uma espécie de terapeuta do projeto “Tradição dos Orixás”, junto com sua Ìyá (mãe uterocêntrica - Mãe Flor de Oya-Iyasan), e sua irmã Vera Ferreira, outra fortaleza, ainda bem jovem, do projeto “Tradição dos Orixás”, guardiã do memorial do projeto, que tem colaborado com várias publicações que vem pesquisando a dinâmica do racismo religioso ou da intolerância religiosa no Brasil, a exemplo do livro “Marchar não é caminhar: interfaces políticas e sociais das religiões de matriz africana no Rio de Janeiro”, de autoria do Prof. Dr. Bàbáláwo Ivanir dos Santos e do próprio “A Tradição dos Orixás”, organizados por Edlaine de Campos Santos, da UNIRIO, e Luís Cláudio de Oliveira da UERJ.

11 Uma das docentes do curso de especialização que eu e Jorge Moraes organizamos na Faculdade Espírita do Paraná, no ano de 1998. Um lato sensu versando sobre um conteúdo teórico-metodológico intitulado “Culturas Africanas e Relações Interétnicas na Educação Brasileira”; contando com outros professores, a exemplo de José Flávio Pessoa de Barros, Nei Lopes, Wilson Roberto de Mattos, da UNEB, José Carlos Gomes dos Anjos, da UFRGS.

esse processo contemporâneo hodierno, em que metodologias e epistemologias negras se dimensionam nas estruturas do Estado-Nação, de forma a incidir com prevalência, na direção oposta à Colonialidade do Saber (LANDER, 2005) que permeia as relações sociais das “Américas”. Colonialidade cuja visão de mundo se inscreve nos ditames do “berço civilizatório matricial” (MOORE, 2012, p. 124) nomeado por Cheikh Anta Diop como “berço setentrional”, que possui como substancialidade dos seus pressupostos a xenofobia, em detrimento do “berço meridional, que tem na xenofilia sua sustentabilidade como fundamento humano-existencial inarredável”. Importante se faz essa demarcação para que não se tenha dúvidas da intencionalidade da coletânea proposta.

Diop, em conversa com Carlos Moore durante entrevista realizada em Dakar, Senegal, no ano de 1976, assevera que:

A história da humanidade permanecerá na escuridão até que seja vislumbrada a existência de dois grandes berços – o meridional, que inclui toda África e o setentrional, que corresponde ao espaço euro-asiático – onde o clima forjou atitudes e mentalidades específicas (MOORE, 2012, p.119).

Como prognóstico prenunciado pelo complexo aparato afro-oracular, onde todo um descricionamento das prerrogativas do nosso “nexo ontogenético” Bioafroancestrálico-Existencial foi dimensionado, crescemos tomando conhecimento do *devir* constitutivo do nosso projeto-mítico-afrossocial, já estando pré-estabelecida toda uma jornada que foi se configurando, com os ritos de passagem civilizacional, de acordo com as fases etárias bioafroancestrálicas-existenciais e não estritamente religiosas, ou ainda, iniciática como se configurou na diáspora afro-brasileira.

Assim, eu, *Olorode Ògìyán Kálàfó* Jayro Pereira de Jesus, nascido na Ilha de Itaparica, BA, cedo saí de Jiribatuba – distrito da referida ilha – migrando após a admissão ao ginásio, inicialmente para a cidade sede do município, Itaparica, em seguida para a capital soteropolitana, depois Itambé (região sul da Bahia), Riachão do Jacuípe e, finalmente, transferindo-me para Jequitibá, distrito de Mundo Novo, região Centro-Norte baiano. Toda essa peregrinação se justificava por conta de estudos que possibilitassem reflexão face aos questionamentos, por conta do que compreendo como destroços existenciais decorrentes da promiscuidade civilizatória a que fomos e estamos submetidos afrodiásporamente.

Quanto a mim, Míriam Cristiane Alves Qbà Olórí-Qba, nascida no sul do país, em Porto Alegre, RS, me ative com maior propriedade e encharcamento à minha questão-vida – que me acompanha desde o momento em que me percebi negra pelo olhar do outro (branco), aos sete anos de idade –, após minha conexão ancestrática afrodiáspórica possibilitada pelo curso Pedagogia do Àṣe, em 2005. Esse curso foi coordenado pelo meu professor, mestre e amigo Olorode Ògìyán Kálàfó Jayro Pereira de Jesus e pelo Bàbá Diba de Iyemonjá que, desde 2006, passou a ser meu Bàbálòrìṣà.

Nossas questões-vida se expressam na seguinte problematização: o que fomos e/ou éramos (África pré-colonial); o que fizeram de nós e/ou nos tornaram (colonialismo/imperialismo); o que poderemos voltar a ser ou vir a Ser (pós-colonialismo/decolonial).

Essa problematização suleadora remete-nos a pensar sobre a afroancestralidade arrolada a uma afroepistemologia, partindo para uma ação junto e com o que nomeamos afrodiásporicamente de Territórios Ancestráticos de Matriz Africana, despindo-nos da expressão “terreiro”, como continua sendo ainda chamado na diáspora afro-brasileira. A expressão “terreiro” está imersa na arapuca e nas armadilhas do colonialismo e da vigente colonialidade, de modo que a sociedade a compreende a partir do maniqueísmo judaico-cristão, desde o lugar da religião, impondo-lhe a lógica ocidentalizante do dualismo bem *versus* mal, cuja visão está arraigada no imaginário social.

O ideário dessa afroepistemologia, constituidora do projeto “Tradição dos Orixás”, espalhou-se pelo Rio de Janeiro, nacionalizando-se por quase todo o Brasil, mediante atividades significativas com destaque para os estados do Sul, em particular o Rio Grande do Sul. Neste contexto de espriamento, inauguramos em 2010, o *Didá-Ará* - Encontro Nacional de Tradições de Matriz Africana e Saúde, enquanto uma das ações da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, cujas reflexões envolvendo a afrobioética tornou-se mote suleador do encontro de 2012 e da última edição, em 2014. Discussão sobre afrobioética que retorna ao contexto nacional a partir do projeto RENAFRO Saúde e da interiorização da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN): programa de capacitação afrocentrada, de 2017, em parceria com o Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde (DAGEP/SGEP/MS), cuja presente publicação é fruto.

Ainda no âmbito do Rio Grande do Sul, nessa mesma perspectiva afroepistemológica, não poderíamos deixar de mencionar o projeto *Ilé Èkó* - Formação Político-Pedagógica a partir da Filosofia e Teologia de Matriz Africana, de 2012, realizado em parceria com a Associação Remanescente de Quilombo Chácara das Rosas a partir de edital da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). E o modo como incidimos sobre o processo de implementação da Política de Saúde da População Negra, por meio da Coordenação Estadual da Saúde da População Negra da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, onde estivemos na coordenação e assessoria (2011-2014), imprimindo a matriz civilizatória africana e toda sua bioafroancestralidade no pensar-fazer saúde coletiva.

A escrevivência acima desenvolvida se justifica, intentando explicitar conexão ancestralítica afrodiáspóricas, encontrando sintonia no que nos ensina a bioafroancestralizada Sueli Carneiro, recobrando que: “os passos vêm de longe”. Essa consigna explícita o que hoje encontramos no Núcleo de Estudos e Pesquisa E’LÉÉKÒ, *locus* depositário de uma demanda afroepistêmica-ancestralítica, reprimida devido à colonialidade do saber, imperativa e determinante nas universidades públicas brasileiras, apesar das concessões como estratégia histórica e secular do Estado-Nação. No E’LÉÉKÒ, nos colocamos a fomentar e potencializar redes intelectuais negras na perspectiva de enunciar “desde dentro” (SANTOS, 1976) metodologias e epistemologias nas quais o lugar preto, de matriz africana, afrodiáspórico importa.

No, com e pelo E’LÉÉKÒ, estamos nos empenhando a criar possibilidades, deslocamentos e aberturas para “uma descolonização ao mesmo tempo ética e epistêmica” (SODRÉ, 2017, p. 15), para o que chamamos de uma Ciência Preta por meio da bioafroancestralidade e intersubjetivação nacional. E é nesse contexto que o segundo volume da Série Pensamento Negro Descolonial se insere.

Referências

- BALDI, César Augusto. Para reinventar a imaginação jurídica. [Entrevista cedida a] Luciano Gallas e Ricardo Machado. IHU Online, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, n. 431, p. 14-20, nov. 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5252-cesar-augusto-baldi>.
- BRUNO, Jessica Santana. Racismo epistêmico, tensionamentos e desafios à Universidade. In: Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens, v.4, n.2, p. 34-61, 2019.
- CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. Interface, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 181-186, ago. 1997.

DEUS, Lucas Obalera de. Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégia de enfrentamento ao racismo religioso. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2019.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo no Encontro Conexões Itaú Cultural 2017. [Entrevista concedida a] Thiago Rosenberg. Rio de Janeiro, RJ: Itaú Cultural, mar. 2017. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/conceicao-evaristo-estara-no-encontro-conexoes-itaucultural-2017>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GOMES, Edilaine Campos de; OLIVEIRA, Luís Cláudio de. A tradição dos orixás: valores civilizatórios afrocentrados. Rio de Janeiro: Mar de Idéias – Navegação Cultural; IPEAFRO – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-brasileiros, 2019.

HENRIQUE, Joana Gorjão. Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2016

JESUS, Jayro Pereira de. Terreiro e cidadania: um projeto de combate ao racismo cultural religioso afro e de implementação de ações sociais em comunidades-terreiros. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E TAKANO CIDADANIA (orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 185-212.

LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Coleccion Sur Sur. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>.

LOUW, Dirk. Ser por meio dos outros: ubuntu como cuidado e partilha. [Entrevista cedida a] Moisés Sbardelotto. Tradução Luís Marcos Sander. IHU Online, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, n. 353, p. 5-7, dez. 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3687-dirk-louw>.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; ROMERA, Edison. Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel. Sociologias, Porto Alegre, ano 20. n. 47, p.108-137, jan./abr., 2018.

MOORE, Carlos. Racismo e sociedade: novas bases para entender o racismo. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. 2. ed. Brasília: Ayó, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais e uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologia do sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 32-83.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os nagô e a morte: Pàdé, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

